

# SINAIS DOS TEMPOS

# ST

/ 2018 – ANO EUROPEU DO PATRIMÓNIO CULTURAL

/ REFLEXÕES SOBRE A EUROPA

/ A EUROPA UNIDA: SIM OU NÃO?



## ***A Europa do Património Cultural***

PUBLICADORA SERVIR  
1º TRIMESTRE 2018  
N. 144 / ANO 37 / €2,00





PUBLICADORA SERVIR  
1º TRIMESTRE 2018  
N. 144 / ANO 37

REVISTA INTERNACIONAL  
EDIÇÃO TRIMESTRAL  
EM LÍNGUA PORTUGUESA

DIRETOR Ezequiel Quintino

DIRETOR DE REDAÇÃO Lara Figueiredo

COORDENADOR EDITORIAL Paulo Lima

E-MAIL [sinais@pservir.pt](mailto:sinais@pservir.pt)

DESIGN GRÁFICO Rita Mendes Sadio

ILUSTRAÇÕES DA REVISTA © Adobe Stock

PROPRIETÁRIA E EDITORA  
Publicadora SerVir, S. A.

DIRETOR Artur Guimarães

SEDE E ADMINISTRAÇÃO  
Rua da Serra, 1 – Sabugo  
2715-398 Almagem do Bispo  
21 962 62 00

EDIÇÃO EM LÍNGUA ESPANHOLA  
Editorial Safeliz

EDIÇÃO EM LÍNGUA FRANCESA  
Éditions Vie et Santé

EDIÇÃO EM LÍNGUA ITALIANA  
Edizione ADV

IMPRESSÃO E ACABAMENTO  
Jorge Fernandes, Lda. – Artes Gráficas

TIRAGEM 15 000 exemplares

DEPÓSITO LEGAL Nº 63193/93

PREÇO NÚMERO AVULSO 2,00€

ASSINATURA ANUAL 8,00€

ISENTO DE INSCRIÇÃO NO ICS  
DR 8/99 ISSN 0873-9013

Não é permitida a reprodução total ou parcial do conteúdo desta revista, ou a sua cópia transmitida, transcrita, armazenada num sistema de recuperação, ou traduzida para qualquer linguagem humana ou de computador, sob qualquer forma ou por qualquer meio, eletrónico, manual, fotocópia ou outro, ou divulgado a terceiros, sem autorização prévia por escrito dos editores.

# ≈ ÍNDICE ≈

## 03

EDITORIAL

A Europa  
do Património Cultural

## TEMÁTICAS



## 04

2018 – Ano Europeu  
do Património Cultural

*Abordemos apenas um  
desafio: os movimentos  
separatistas.*



## 10

Reflexões  
sobre a Europa

*Esta é uma reflexão sobre  
o que a profecia indica  
acerca da Europa neste  
tempo.*



## 16

Um Sonho do Rei  
da Babilónia Revela  
o Futuro

*Nabucodonosor tinha os  
seus planos para a criação  
de um grande Império.*



## 20

A Europa Unida:  
Sim ou Não?

*Estará a profecia  
de Daniel 2 a falhar  
precisamente neste período  
crucial da História,  
depois de se ter mostrado  
verdadeira durante  
séculos?*

## 26

A BÍBLIA ENSINA

A Profecia de Daniel 2

## 28

NOTÍCIAS QUE  
FAZEM PENSAR

A Revolta do Planeta:  
Condições  
Meteorológicas  
Extremas

## BÍBLIA



## 31

*Nephesb*

*Tem a noção tradicional  
de “alma” um adequado  
fundamento bíblico?*

# A Europa do Património Cultural



≈

**Pr. Ezequiel Quintino**

*Director*

Neste primeiro número de 2018 desejamos prestar homenagem a todos os que nos antecederam na Direção deste periódico e que nos conduziram até aqui na reflexão dos sinais dos tempos que temos vivido. Iniciamos aqui um novo ciclo com um novo formato, que, acreditamos, se adaptará melhor à nossa realidade, conscientes da enorme responsabilidade que isto significa – dar continuidade, respondendo às expectativas e necessidades de quem nos lê.

A *Sinais dos Tempos* foi publicada pela primeira vez em Oakland, Califórnia (EUA), a 4 de junho de 1874, por James White, um cofundador da Igreja Adventista do Sétimo Dia. A Revista desenvolveu-se com o passar do tempo, e internacionalizou-se. É hoje publicada em várias línguas. Em Portugal é publicada desde 1979.

A revista *Sinais dos Tempos* é uma publicação que convida e encoraja os Leitores a desfrutarem de uma feliz vida cristã, neste século XXI, na expectativa do breve regresso de Jesus. Por esta razão, a *Sinais dos Tempos* oferece notícias, informação e artigos que estimulam o Leitor a refletir sobre as profecias bíblicas, as evidências e os “sinais” que indicam a aproximação do maior evento para a Humanidade –

o Segundo Advento de Cristo à Terra – ao qual a Sagrada Escritura chama “a bem-aventurada esperança”.

O ano de 2018 tem uma importância simbólica e histórica para a Europa e para o seu património cultural. Este ano assinala um número importante de eventos: o 100º aniversário do fim da Primeira Guerra Mundial e da independência de vários Estados-Membros da União Europeia, assim como os 400 anos do início da Guerra dos Trinta Anos.

2018 foi eleito o **Ano Europeu do Património Cultural**. Tibor Navracsiics, Comissário Europeu responsável pela Educação, Cultura, Juventude e Desporto, referiu que “o nosso património cultural é mais do que a memória do nosso passado, é a chave para o nosso futuro”. O património cultural desempenha na Europa um importante papel económico, ao empregar, diretamente, mais de 300 mil pessoas e, indiretamente, cerca de 7,8 milhões, através do Turismo, da Construção, dos Transportes, dos Serviços de Interpretação e da Manutenção e Segurança.

No seguimento do que foi dito anteriormente, esta publicação será dedicada ao tema, com artigos relacionados: *Reflexões sobre a Europa, Um Sonho do Rei da Babilónia Revela o Futuro* e *A Europa Unida: Sim ou Não?* Teremos também as secções *A Bíblia Ensina – A Profecia de Daniel 2* – e *Notícias que Fazem Pensar*, bem como um artigo fundamental: *Nephesb – a Noção de “Alma” no Antigo Testamento*.

Boa leitura e bom ano 2018! ▢

# 2018 – ANO EUROPEU DO PATRIMÓNIO CULTURAL



**Ezequiel Quintino**

*Teólogo*

Há cerca de um ano, a 9 de fevereiro de 2017, já os representantes do Conselho e do Parlamento Europeus tinham chegado a um acordo provisório sobre a decisão de promover 2018 a Ano Europeu do Património Cultural.

Assim, logo a 19 de abril, na sessão de abertura do *Culture Forum*, em Bruxelas, Tibor Navracsics, Comissário Europeu para a Educação, Cultura, Juventude e Desporto, anunciou publicamente que, após troca de cartas com o Presidente da Comissão, Jean-Claude Juncker, e com o Presidente do Parlamento Europeu, Martin Schultz, a Comissão Europeia iria propor formalmente ao Conselho e ao Parlamento Europeus que o ano de 2018 fosse o Ano Europeu do Património Cultural.

Uma das principais responsáveis da proposta, a Euro-Deputada italiana Silvia Costa, Presidente da Comissão da Cultura e da Educação do Parlamento Europeu, nessa sessão do *Culture Forum*, realizou uma intervenção entusiasmada, afirmando, em conclusão, que “a Cultura e o Património Cultural devem ser a nova alma e a nova identidade para uma nova Europa”. E, de facto, menos de um mês depois, a 17 de maio, 2018 foi designado Ano Europeu do Património Cultural, através da Decisão (UE) 2017/864 do Parlamento e do Conselho Europeu.<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Centro Nacional de Cultura, Lisboa  
– [www.cnc.pt/artigo/3934](http://www.cnc.pt/artigo/3934).

PRAGA, REPÚBLICA CHECA



Pode perguntar-se: Afinal, qual é a abrangência do património cultural? Resposta simples: O património cultural abrange recursos do passado. Estes recursos assumem muitas formas e diversos aspetos. Podem incluir monumentos, locais, tradições, conhecimentos e expressões da criatividade humana, assim como coleções conservadas e geridas por Museus, Bibliotecas e Arquivos.

## OBJETIVOS

O grande objetivo desta iniciativa é sensibilizar para a História, para os valores europeus e, de maneira decisiva, reforçar o sentimento de identidade europeia. Ao mesmo tempo, a iniciativa quer chamar a atenção para as oportunidades que o pa-

**A instituição de um Ano Europeu do Património Cultural é uma forma eficaz de sensibilizar a opinião pública, divulgar informação sobre boas práticas, promover o debate político, a investigação e a inovação.**

---

trimónio cultural oferece e também para os desafios que o mesmo enfrenta; isto é, o impacto da transição para a era digital, a pressão ambiental e física sobre os locais e sítios do património mundial e, lamentavelmente, o tráfico ilícito de bens culturais.

Podemos também sintetizar os objetivos gerais do Ano Europeu do Património Cultural. Estes consistem em incentivar e apoiar os esforços da União, dos Estados-Membros e das autoridades regionais e locais para, em cooperação com o setor do património cultural e com a sociedade civil em geral, proteger, salvaguardar, reutilizar, valorizar e promover o património cultural da Europa.

De maneira especial, o Ano Europeu contribui para promover o papel do património cultural da Europa enquanto elemento central da diversidade cultural e do diálogo intercultural. Respeitando plenamente as competências dos Estados-Membros, o Ano Europeu destaca os melhores meios para assegurar a preservação e salvaguarda do património cultural europeu, bem como a sua fruição por um público mais vasto e diversificado.

Este Ano Europeu reforça igualmente o contributo do património cultural europeu para a sociedade e a economia,

# É empolgante verificar, por um lado, como políticos, tanto homens como mulheres, trabalham, esforçando-se na construção de uma Europa unida e fraterna.

através do seu potencial económico direto e indireto, o que inclui a capacidade para apoiar os setores culturais e criativos, designadamente as pequenas e médias empresas, para inspirar a criação e a inovação, para promover o desenvolvimento sustentável e o Turismo, para melhorar a coesão social e para gerar emprego de longa duração.

Finalmente, o Ano Europeu contribui para promover o património cultural como um elemento importante das relações entre a União e os países terceiros, aproveitando o interesse e as necessidades dos países parceiros e os conhecimentos especializados europeus no domínio do património cultural.<sup>2</sup>

Deste modo, a instituição de um Ano Europeu do Património Cultural é uma forma eficaz de sensibilizar a opinião pública, divulgar informação sobre boas práticas, promover o debate político, a investigação e a inovação, assim como melhorar a recolha e a análise de informações qualitativas e de dados quantitativos, designadamente estatísticos, sobre o impacto social e económico do património cultural.

## DESAFIOS

Esta decisão vem numa altura em que a União Europeia está confrontada com um conjunto de desafios de naturezas várias. Por esta razão, tem um significado muito especial para os Estados Europeus, para as



Instituições Comunitárias e, como é óbvio, para os cidadãos da Europa.

Abordemos apenas um desafio, que se apresenta enorme, na área política e que tem efeitos diretos na economia e demais áreas: os movimentos separatistas. Vários países europeus estão a lidar com movimentos nacionalistas populistas que procuram mais autonomia ou mesmo a independência para as suas regiões. A Catalunha, em Espanha, é o exemplo mais agudo e recente de tendência independentista, mas não é o único. Por toda a Europa, há regiões que pretendem alcançar a autonomia total. Recordemos a lista, que é longa.

No Condado de Istria, na Croácia, 208 mil habitantes procuram mais autonomia desde o fim da ex-Jugoslávia, em 1991. A Morávia, com três milhões de habitantes, na República Checa, é uma

<sup>2</sup> Fonte: Decisão (UE) 2017/864/Conselho Europeu – [www.portugal.pt/Portal2020/Media/Default/Docs/Legislacao/Comunitaria/DecisaoUE2017\\_864.pdf](http://www.portugal.pt/Portal2020/Media/Default/Docs/Legislacao/Comunitaria/DecisaoUE2017_864.pdf).



**Por outro lado, é impressionante perceber que outros políticos e cidadãos parecem impulsionados por um poder exterior, suscitando dificuldades e obstáculos a essa desejada unidade europeia.**

---

região com uma identidade própria, cuja autonomia foi abolida em 1949. Desde então, e, mais recente, a partir de 2006, reivindica a autodeterminação. Na Silésia, Polónia, 800 mil pessoas defendem mais autonomia, em especial desde 2010. Székely, no centro da Roménia, é habitada por 500 mil pessoas de etnia húngara que também procuram mais autonomia.

A Dinamarca tem duas situações: na Ilha de Bornholm, no Mar Báltico, onde vivem 40 mil pessoas, há um partido que defende a independência ou a autonomia desde os anos 90; as Ilhas Faroé, a 900 quilómetros de distância, usufruem de autonomia desde 1948 e os 50 mil habitantes das Ilhas, com uma língua e cultura distintas, defendem a independência.

A Itália confronta-se com quatro situações: na Lombardia, uma das regiões mais ricas do país, os 10 milhões de habitantes querem ter mais autonomia sobre como gastar o dinheiro que geram, mas a maioria não deseja a independência; tam-

bém os 4,9 milhões de habitantes da região de Veneto (cuja capital é Veneza) têm as mesmas preocupações que os da Lombardia; na Sicília há vários movimentos que defendem a independência, porque os cinco milhões de Sicilianos consideram ter uma herança cultural, tradições e uma cultura distintas do resto do país; Bolzano, como região autónoma, ficou sob o poder de Itália desde o fim da I Guerra Mundial, onde os 511 mil habitantes falam maioritariamente alemão e, desde a década de 1970, pelo menos metade dos habitantes gostaria de voltar a juntar-se à Áustria.

A Espanha regista 17 comunidades autónomas, com duas situações difíceis: o País Basco e a Catalunha. Tendo nacionalidade histórica reconhecida pela Constituição Espanhola, a Comunidade Autónoma do País Basco, com três milhões de cidadãos, agora pacificada depois de mais de 51 anos de luta armada com a ETA (que provocou mais de 800 mortos, milhares de feridos e dezenas de sequestros), também aspira à independência. Por outro lado, em especial desde julho de 2017, o impulso independentista e populista na Catalunha tomou grandes proporções, agitando toda a Europa e estando longe de estar sanado.

Em França, encontramos duas situações. Na Córsega, o movimento nacionalista procura mais autonomia para a ilha francesa desde a década de 1960 e, de forma violenta desde 1976, a Frente Nacional de Libertação exigiu a independência, recorrendo ao uso de engenhos explosivos e assassinatos; a Bretanha, com 3,3 milhões de habitantes, tem uma forte identidade cultural e é considerada uma das seis nações celtas, sendo que os nacionalistas procuram a independência da região, que tem música, tradições, símbolos e uma língua própria.

Na Região Flamenga, na Bélgica, os 6,4 milhões de habitantes falam maioritariamente holandês; a Nova Aliança Neerlandesa, que é o maior partido regional, espera alcançar a independência nas eleições de 2019; a região da Valónia, com herança cultural e tradição francesa, já tem uma autonomia considerável, mas alguns movimentos independentistas pretendem mais autonomia.

Na Baviera, o nacionalismo bávaro tem estado presente desde a incorporação da região na Alemanha, em 1871.

O Reino Unido está a braços com três reivindicações independentistas: na Irlanda do Norte, um movimento minoritário tem procurado a independência da região desde 1920; a Escócia quer retomar a sua condição de autonomia adquirida em 1707, por isso, em 2014, 44% dos cidadãos votaram a favor da independência num referendo; no País de Gales, o Partido Nacionalista pede a independência da região desde 1925.<sup>3</sup>

Na atualidade, a Europa está a lidar com duas complexas situações: o processo de saída do Reino Unido da União Europeia (*Brexit*) e ainda a tentativa pressionante de emancipação da Catalunha, que está longe de encontrar uma solução. Muitos consideram que, se se concretizasse a independência da Catalunha, “seria o fim da

## BRETANHA, FRANÇA



Europa” e “iria fazer o *Brexit* parecer uma brincadeira de crianças”, porque “desfazer a Espanha é desfazer a Europa”, seguindo-se a análise de cenários catastróficos.<sup>4</sup>

## CONCLUSÕES

Recorde-se que um dos grandes objetivos da iniciativa de fazer de 2018 o Ano Europeu do Património Cultural é sensibilizar para a História, para os valores europeus e reforçar o sentimento de iden-

<sup>3</sup> Por Susana Lúcio e Mariana Branco – 20 de outubro de 2017 – [www.sabado.pt/mundo/europa/detalhe/quem-mais-sonha-com-a-independencia-na-europa](http://www.sabado.pt/mundo/europa/detalhe/quem-mais-sonha-com-a-independencia-na-europa).

<sup>4</sup> Diz Manuel Valls, ex-Primeiro-Ministro da França, nascido em Barcelona, citado por Joana Almeida – 6 de outubro de 2017 ([www.jornaleconomico.sapo.pt/noticias/a-independencia-da-catalunha-seria-o-fim-da-europa-diz-manuel-valls-217583](http://www.jornaleconomico.sapo.pt/noticias/a-independencia-da-catalunha-seria-o-fim-da-europa-diz-manuel-valls-217583)). Ver também Wolfgang Munchau – 9 de outubro de 2017 ([www.dn.pt/opiniao/opiniao/-dn/wolfgang-munchau/interior/a-independencia-da-catalunha-iria-fazer-o-brexit-parecer-uma-brincadeira](http://www.dn.pt/opiniao/opiniao/-dn/wolfgang-munchau/interior/a-independencia-da-catalunha-iria-fazer-o-brexit-parecer-uma-brincadeira)).



tidade europeia. Com estas 19 clivagens e ruturas políticas e administrativas no seio da Europa, torna-se cada vez mais difícil a coesão e unidade europeias. Em lugar do esperado progresso para uma identidade europeia que se expresse numa autêntica União Europeia, entretanto, parecem existir mais evidências de regressão e divisão. Assistimos, hoje, ao que alguns se interrogam: “Independência da Catalunha: delírio do nacionalismo europeu?”<sup>5</sup>

É empolgante verificar, por um lado, como políticos, tanto homens como mulheres, trabalham, esforçando-se na construção de uma Europa unida e fraterna. Por outro lado, é impressionante perceber que outros políticos e cidadãos parecem impulsionados por um poder exterior, suscitando dificuldades e obstáculos a essa desejada unidade europeia.

Deste modo, cidadãos e políticos europeus, inconscientemente, vão dando

razão e força ao cumprimento da profecia bíblica de Daniel 2. Não que a profecia seja uma fatalidade, mas ela está lá porque Deus, que está fora do nosso tempo cronológico, na Sua Providência (e também no respeito da liberdade e livre arbítrio do ser humano) vê os factos como presentes antes de eles se realizarem na história humana. É por essa razão, e para nossa orientação, que Deus pode divulgar as tendências e os factos antes mesmo de eles serem perceptíveis à observação humana. Aqui está o valor da profecia bíblica, que é um autêntico compêndio para conhecermos e interpretarmos os sinais dos tempos. “Creiam no Senhor, vosso Deus, e estarão seguros; creiam nos seus profetas e prosperarão” (II Crônicas 20:20). ▢

5 Por Julia Braun, de Barcelona – 19 de julho de 2017 ([www.veja.abril.com.br/independencia-da-catalunha-delirio-do-nacionalismo-europeu](http://www.veja.abril.com.br/independencia-da-catalunha-delirio-do-nacionalismo-europeu)).

# REFLEXÕES SOBRE A EUROPA



**Paulo Sérgio Macedo**

*Licenciado em Relações Internacionais*

## 9 DE MAIO DE 1950

Robert Schuman, Ministro dos Negócios Estrangeiros da França, surpreende governantes e povos com uma Declaração histórica, uma proposta de entendimento entre as nações e de gestão conjunta das riquezas naturais da Europa. No seu discurso ouvem-se as seguintes palavras: “Esta proposta representa o primeiro passo concreto rumo a uma federação europeia, imperativa para a preservação da paz.”<sup>1</sup>

## O MOTIVO

Esta é uma reflexão sobre o que a revelação bíblica nos deixou acerca do papel da Europa na profecia, ou, melhor ainda, do que a profecia indica acerca da Europa neste tempo. Este texto mais não é do que uma tímida introdução a essa temática, tendo como base a ideia que fundou e o processo que desenvolveu a Europa que hoje conhecemos.

## O MOMENTO

A Europa saíra da mais grave de todas as guerras que a assolaram. Para além de milhões de mortes, cidades arrasadas e economias destruídas, as nações e os povos europeus viam aberta a maior



das feridas morais, a do ódio, sem saberem como a cicatrizar. Não que a guerra fosse novidade ou rara no Continente, mas porque o terror e a desumanidade atingiram o patamar do inimaginável e os novos e massivos meios de destruição tornavam um potencial futuro conflito num conflito último e definitivo. Desde o fim do Império Romano, os reinos, as nações e os Estados Europeus já se tinham envolvido em inúmeras querelas: das incursões bárbaras à expansão muçulmana e à reconquista cristã; da Guerra dos Cem Anos, no século XIV, à Guerra dos Trinta Anos, no século XVII; das inva-

<sup>1</sup> Texto integral da Declaração Schuman: [http://europa.eu/about-eu/basic-information/symbols/europe-day/schuman-declaration/index\\_en.htm](http://europa.eu/about-eu/basic-information/symbols/europe-day/schuman-declaration/index_en.htm).

sões napoleónicas às afirmações nacionalistas do século XIX; até que chegou o sangrento século XX, com duas guerras mundiais em que a Europa foi o palco onde decorreu a ação principal. Portanto, os Europeus nunca viveram em paz, em todo o Continente, durante muito tempo.

Assim se compreende que, em 1950, os povos europeus aspirassem a viver em paz. E a procurá-la a todo o custo. Aparece nos bastidores do poder um homem visionário, conhecido pela capacidade pessoal e profissional de produzir entendimentos através de compromisso e negociação. Durante a Guerra, este diplomata francês convenceu a Inglaterra a combater ao lado da França, e, depois, convenceu os EUA a juntarem-se-lhes; agora, finda a guerra, está em posição de convencer os países vencedores e a sua nova aliada, a Alemanha ocidental, a partilharem um sonho – uma Europa em que os países mais fortes, voluntariamente, abdicassem de defender os seus interesses através do conflito, gerissem e partilhassem os territórios e os recursos minerais e acordassem em cooperar para o desenvolvimento mútuo. Este homem chamava-se Jean Monnet e ficou conhecido como “o pai da Europa”, estando por detrás da Declaração Schuman e da sua aceitação favorável pelos outros países europeus.

## O SONHO

Talvez quem melhor tenha explicado como atingir o sonho de um relacionamento de paz entre os povos fosse Raymond Aron, filósofo e sociólogo francês do século passado.<sup>2</sup> Para ele, o sistema internacional sempre assentou nas relações de poder entre os Estados, sendo a paz mais ou menos possível e estável consoante o tipo dessas relações. Por exemplo, no passado, houve exemplos de paz de império, como no caso de Roma, que tomou e subordinou as nações e os povos; paz de

hegemonia, como no tempo do Sacro Império Romano Germânico de Carlos V, que dominava quase toda a Europa, com exceção da França e de algumas potências menores; paz de equilíbrio, como no caso da Europa do século XIX, cuja ordem provinha da similitude de poder entre os blocos de países, com o Império Britânico a servir de fiel da balança; e até paz de equilíbrio pelo terror, com o clímax na Guerra Fria, em que o conflito direto entre as duas Superpotências só não aconteceu por implicar destruição mútua. Obviamente a palavra “paz” aqui usada não é a noção de paz que temos, em especial como Cristãos, mas sim a ausência de conflito bélico, mesmo que com injustiça e inimizade.

Observando a Europa do pós II Guerra Mundial, Aron deteta uma nova tentativa de modelo de paz, um modelo em que não é o poder a ditar as relações, mas sim a lei internacional; em que não são o ódio, a ambição e o egoísmo a regerem as ações, mas em que a ação conjunta

---

**Aparece nos bastidores do poder um homem visionário, conhecido pela capacidade pessoal e profissional de produzir entendimentos através de compromisso e negociação. (...) Este homem chamava-se Jean Monnet e ficou conhecido como “o pai da Europa”.**

<sup>2</sup> Ver ARON, Raymond; *Peace and War – A Theory of International Relations*; Nova Iorque: Doubleday, 1966.



FOTOGRAFIA: [WWW.FOTOSEIMAGENES.NET/TRATADO-CONSTITUTIVO-DE-LA-COMUNIDAD-EUROPEA-DEL-CARBON-Y-DEL-ACERO](http://WWW.FOTOSEIMAGENES.NET/TRATADO-CONSTITUTIVO-DE-LA-COMUNIDAD-EUROPEA-DEL-CARBON-Y-DEL-ACERO)

dos povos e das nações produz a satisfação de todos. A esta ideia – a de criar um espaço de gestão comum da riqueza e cooperação para o desenvolvimento, em que a guerra não era uma hipótese entre os seus atores – chamou Aron “paz de satisfação”. E ele augura que tal só é possível na passagem da “pluralidade para a unidade” das nações,<sup>3</sup> processo longe ainda de terminar ao nível mundial, mas que as organizações internacionais demonstram estar em curso.

## O PERCURSO

O pontapé de saída para a globalização dos princípios enunciados pelos vencedores da II Guerra Mundial, impulsionados pelos EUA e pelos países ocidentais, já tinha sido dado na Carta do Atlântico, em 1941, assinada entre os EUA e a Inglaterra. Deles constavam a liberdade e a democracia, a autodeterminação dos povos, o comércio livre, a cooperação... Juntamente com a Carta da ONU, de 1945, e da Declaração Universal

dos Direitos do Homem, de 1949, formavam a base para a tentativa da (tal) paz pela lei e pela satisfação.

É com este objetivo que, em 1952, seis países europeus, entre os quais as potências arqui-inimizigas França e Alemanha (representada pela sua herdeira ocidental, a República Federal da Alemanha), criam a Comunidade Europeia do Carvão e do Aço, com o seu primeiro Presidente a ser o já citado Jean Monnet. Desde então e até à atualidade, a Europa viveu uma história de integração, com dois pilares fundamentais: o alargamento e o aprofundamento. Por um lado, foi sucessiva e respetivamente crescendo e integrando mais países, das Ilhas Britânicas, da Europa do Sul, da Europa do Norte, da Europa Central e de Leste, das Ilhas Mediterrânicas. Simultaneamente, alargou os seus objetivos, instituindo sucessivamente uma zona de comércio

<sup>3</sup> *Idem*, p. 759.



FOTOGRAFIA: [HTTP://REPOSITORI.UJI.ES/XMLUI/HANDLE/10234/148826](http://repositori.uji.es/xmlui/handle/10234/148826)

livre, um mercado comum, um mercado único, a cooperação nas áreas da justiça, da segurança e dos assuntos externos, uma união económica e monetária e foi até tentado criar-se uma Constituição (2004), que, sendo rejeitada pelo voto dos povos, passa a Tratado Constitucional, com o Tratado de Lisboa de 2007. É tal a vontade dos dirigentes que ultrapassa a vontade dos povos e o próprio ritmo dos que primeiro a pensaram.<sup>4</sup>

#### O (IM)PREVISTO

Até ao virar do milénio, diríamos que os planos correriam melhor do que qualquer previsão. Seis, nove, doze, quinze, vinte e cinco países<sup>5</sup> transformam um Continente assolado pela instabilidade territorial, pela luta pela riqueza, pelo ódio nacional e pela guerra, num espaço de livre circulação, cooperação económica, liberdade e respeito pelos direitos humanos e, finalmente, de paz. Todos os que estão dentro louvam

---

**Seis, nove, doze, quinze, vinte e cinco países<sup>5</sup> transformam um Continente assolado pela instabilidade territorial, pela luta pela riqueza, pelo ódio nacional e pela guerra, num espaço de livre circulação, cooperação económica, liberdade e respeito pelos direitos humanos e, finalmente, de paz.**

<sup>4</sup> "A Europa não será feita de uma vez, nem de acordo com um plano único. Será construída através de conquistas concretas que primeiro criarão uma solidariedade de facto." Declaração Schuman, 1950.

<sup>5</sup> Os Estados-Membros são hoje 28.

a criatura: os ricos, porque estão em paz; os pobres, porque estão mais ricos. E os que estão fora anseiam por entrar. Assim passou meio século, o mais longo período sem conflito na Europa.

Mas como o mundo e a Europa mudaram tanto nos últimos, poucos, anos... Uma crise financeira transforma-se em crise económica e lança empresas na falência e pessoas na miséria. Os benefícios da partilha e da unidade são colocados em causa, considerados pelos mais ricos como fardo e empobrecimento e pelos mais pobres como espartilho para o crescimento. A solidariedade, base de um pretendido espírito europeu, é corroída pelos ancestrais interesses nacionais. A heterogeneidade política, social, cultural e religiosa, fruto de um mundo interligado, coloca novos e inesperados desafios aos princípios e às liberdades que se tinham por adquiridos. Muitos batem à porta e querem entrar, e a Europa, a velha Europa, nem sabe bem como explicar a distância que vai desde os pronunciamentos dos seus valores superiores até à realidade dos sacrifícios que está disposta a realizar para os fazer prevalecer.

Hoje, o edifício da construção europeia continua de pé, mas ninguém garante que não venha a cair ou algo terá de mudar muito para que se mantenha. As gerações recentes não sabem, nem imaginam, o que é viver fora dele, até por desconhcerem o que existia antes e como ele se construiu. Os povos europeus, ao pensarem na União Europeia, associam-na a austeridade, diretivas e regulamentos, quotas de produção, burocracia, distância entre dirigentes e dirigidos, benefício dos poderosos em seu detrimento... Bem longe do sonho apoiado de uma união pelo entendimento e pela concórdia. Não é possível avaliar as intenções dos homens de então, nem dos de agora, quanto aos verdadeiros e últimos

objetivos da unidade europeia; mas é fácil de perceber que a perceção dos Europeus sobre esses objetivos mudou drasticamente e é atualmente mais negativa e cética.

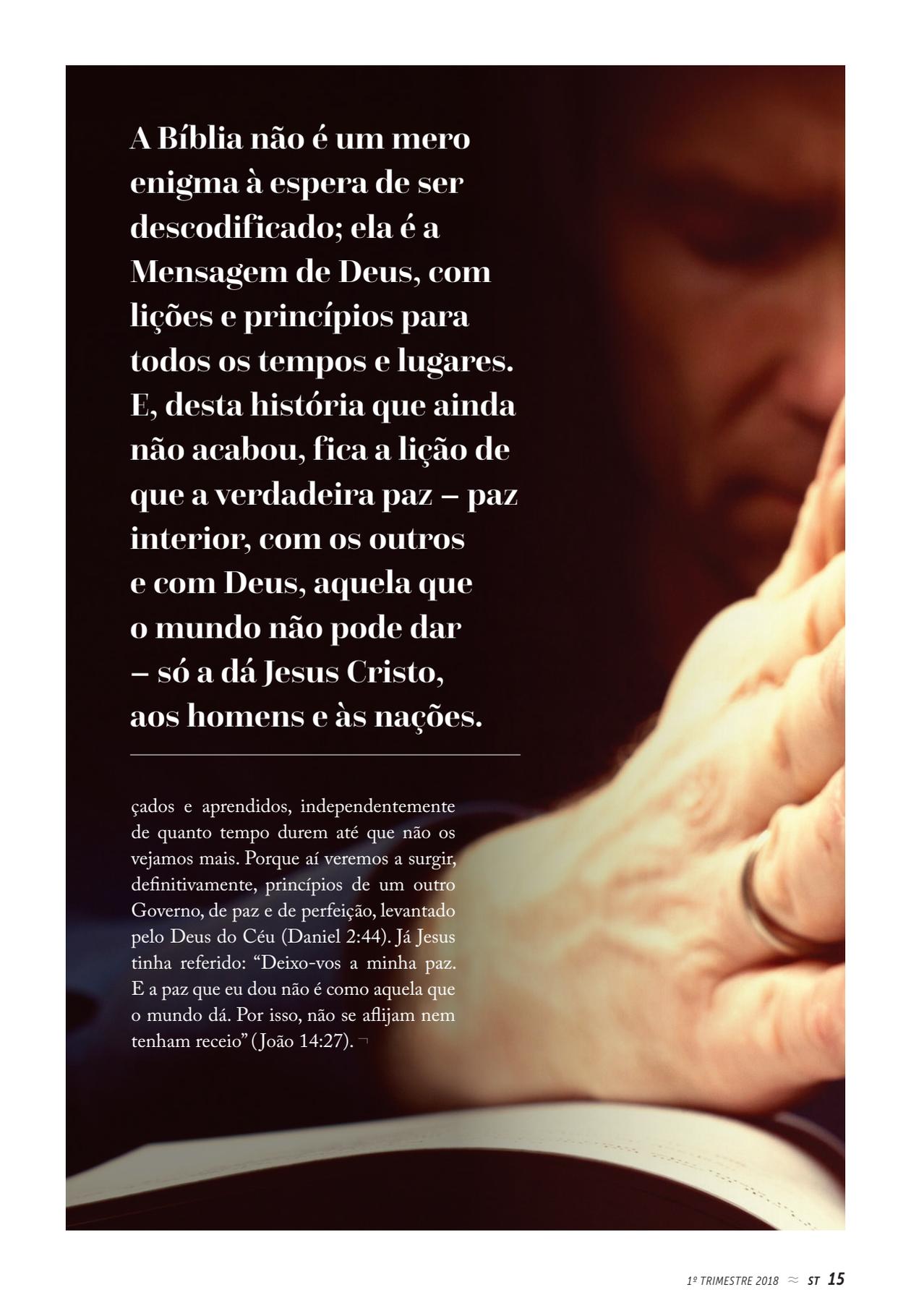
## **E O FUTURO?**

Esse, como diz o adágio, a Deus pertence. E ainda bem, pois está bem entregue.

Para as gerações que vivem na atualidade, o ritmo alucinante dos acontecimentos é quase impossível de acompanhar. Em pouco mais de meio século, a Europa esteve perto da destruição total, passou a um oásis de paz e prosperidade no Planeta e é novamente confrontada com novos e gigantescos desafios.

Para o crente cristão, que procura na Bíblia a interpretação para o tempo que vivemos, o ritmo surpreende, mas não os acontecimentos. Ele não sabe se a resposta aos desafios será a tendência para a dispersão destes povos e destas nações que se uniram (como ferro e barro que não se unem), ou, pelo contrário, alargar e aprofundar a união (como os pés, com materiais diferentes, que não deixam de permanecer inteiros). Por muito que consiga explicar que, segundo Daniel 2, tais pés correspondem aos reinos herdeiros do Império Romano, ele sabe ainda melhor que, depois deles e seja qual for a sua forma, virá uma Pedra que os pulverizará.

A Bíblia não é um mero enigma à espera de ser decodificado; ela é a Mensagem de Deus, com lições e princípios para todos os tempos e lugares. E, desta história que ainda não acabou, fica a lição de que a verdadeira paz – paz interior, com os outros e com Deus, aquela que o mundo não pode dar – só a dá Jesus Cristo, aos homens e às nações. Mas também de que os bons princípios, como aqueles que nos trouxeram até aqui e que nos deram um tempo único de oportunidade, de liberdade e de paz, merecem ser real-



**A Bíblia não é um mero enigma à espera de ser decodificado; ela é a Mensagem de Deus, com lições e princípios para todos os tempos e lugares. E, desta história que ainda não acabou, fica a lição de que a verdadeira paz – paz interior, com os outros e com Deus, aquela que o mundo não pode dar – só a dá Jesus Cristo, aos homens e às nações.**

---

çados e aprendidos, independentemente de quanto tempo durem até que não os vejamos mais. Porque aí veremos a surgir, definitivamente, princípios de um outro Governo, de paz e de perfeição, levantado pelo Deus do Céu (Daniel 2:44). Já Jesus tinha referido: “Deixo-vos a minha paz. E a paz que eu dou não é como aquela que o mundo dá. Por isso, não se aflijam nem tenham receio” (João 14:27). ▢



# UM SONHO DO REI DA BABILÓNIA REVELA O FUTURO

≈

**Clifford Goldstein**

*Teólogo*

*Retirado da revista Signs of the Times de março de 2013.*

Ele era um megalomaniaco, um ditador, um tirano que tinha planos grandiosos de conquista. Era um líder que tinha pouca misericórdia para com aqueles que se atravessavam no seu caminho, um líder que – a partir do seu vasto palácio no Iraque – esmagava os seus inimigos internos e externos, onde quer que os encontrasse.

Trata-se de Saddam Hussein? Não. Hussein governou o Iraque de 16 de julho de 1979 até 9 de abril de 2003, quando foi derrubado por uma invasão autorizada pelas Nações Unidas que recebeu o nome de “Operação Libertação do Iraque”. O governante do Iraque de que lhe falei era Nabucodonosor, rei da antiga Babilónia.

A história que lhe vou contar decorreu há milhares de anos, na antiga Babilónia, a terra que hoje é conhecida como o Iraque, onde os planos de domínio e de glória de mais um ditador se desvaneceram na areia do deserto.

A fonte é Daniel 2. Este capítulo do livro de Daniel começa com um sonho – o sonho do rei Nabucodonosor, um sonho que o perturbou grandemente, um sonho que ele nem conseguia recordar. Segundo os versículos 1-6 de Daniel 2, o rei orde-

nou a todos os sábios de Babilónia que fizessem duas coisas. Em primeiro lugar, exigiu que eles lhe contassem o sonho e, em segundo lugar, queria que eles o interpretassem. De facto, se eles pudessem dizer-lhe o conteúdo do sonho, ele poderia ter a certeza de que a interpretação que eles apresentassem seria correta. Mas os sábios ficaram estupefactos perante a exigência do rei. Eles puderam apenas responder: “O que Vossa Majestade pede é tão difícil que ninguém o pode fazer, a não ser os deuses; e estes não vivem no mundo dos seres humanos” (Daniel 2:11).

Nabucodonosor ficou enraivecido. Estes sábios afirmavam estar em comunicação com os deuses, mas tinham demonstrado ser charlatões. Assim, o rei ordenou que todos os sábios no seu reino fossem mortos!

Entre estes sábios estavam alguns jovens judeus, prisioneiros em consequência de uma campanha de conquista efetuada por Nabucodonosor no que é atualmente o território de Israel. Daniel, um desses cativos, orou a Deus em busca de socorro, a fim de que ele e os seus companheiros “não fossem mortos juntamente com os outros sábios da Babilónia”. Deus respondeu-lhe nessa mesma noite “numa visão” e Daniel foi imediatamente levado perante o rei, que vociferou: “És capaz de me contar o sonho e dizer o que ele significa?” (Daniel 2:18 e 19, 26.)

Daniel começou por glorificar o seu Deus e por atribuir-Lhe a origem da resposta que iria comunicar ao rei. Depois disse ao rei o que ele tinha sonhado. Eis aqui, nas suas próprias palavras, o que Daniel disse a este poderoso rei sobre o sonho que o próprio rei era incapaz de recordar: “Vossa Majestade viu diante de si uma estátua gigantesca, muito brilhante e de aspeto impressionante. A cabeça era feita de ouro puro; o peito e os braços eram de prata; o ventre e as coxas eram de bronze; as suas pernas eram de ferro e os pés em parte de ferro e em parte de barro. Enquanto Vossa Majestade olhava, uma grande pedra soltou-se dum rochedo, sem que ninguém lhe tocasse, e bateu nos pés de ferro e de barro da estátua, fazendo-os em pedaços. Como consequência, não só o ferro e o barro, mas também o bronze, a prata e o ouro desfizeram-se em pó; e como o pó da eira, no verão, o vento espalhou-o de tal maneira que não ficou nenhum vestígio. Porém a pedra cresceu até se transformar numa montanha, que cobriu toda a terra. Este foi o sonho. Agora vou dizer a Vossa Majestade o que ele significa” (Daniel 2:31-36).

Daniel fez então algo extraordinário. Muitos séculos antes do nascimento de Jesus, ele esboçou a história do mundo desde o seu tempo até ao nosso e, mesmo, para além do nosso. Qualquer pessoa que esteja em busca de provas racionais e lógicas para a existência de Deus deparar-se-á com um poderoso testemunho nesse sentido neste segundo capítulo de Daniel. Esse testemunho encontra-se na interpretação que Daniel ofereceu ao rei.

Daniel explicou ao rei que a cabeça de ouro da estátua representava o próprio Nabucodonosor e o seu grande Império Babilónico. Em seguida, Daniel disse que, depois deste reino, surgiria outro, e após este um terceiro. Finalmente, haveria um

## Daniel começou por glorificar o seu Deus e por atribuir-Lhe a origem da resposta que iria comunicar ao rei.

---

quarto Império, representado pelo ferro, que esmagaria e destruiria tudo. No entanto, este quarto Império, em vez de desaparecer, dividir-se-ia e seria em parte forte e em parte fraco. Eis como Daniel explicou a questão: “Os dedos em parte de ferro e em parte de barro, significa que parte desse reino será forte e parte será fraco. Vossa Majestade viu igualmente que o ferro estava misturado com o barro. Isto significa que os governantes desse reino tentarão unir as suas famílias por casamento, mas não o conseguirão, da mesma maneira que o ferro se não pode misturar com o barro” (Daniel 2:42 e 43).

E a História decorreu exatamente como Daniel predisse! Depois de Babilónia veio a Medo-Pérsia. A Medo-Pérsia foi seguida pela Grécia, a qual foi seguida pelo poderoso Império Romano, o quarto Império retratado no sonho. No entanto, ao contrário das potências anteriores, o Império Romano não foi derrubado por outro Império.

Em vez disso, ele dividiu-se, dando origem às nações da Europa moderna – nações que são em parte fracas, em parte fortes, e que, apesar das tentativas de muitos governantes, desde Carlos Magno até Hitler, nunca foram unidas. E foi precisamente assim que Daniel interpretou o sonho do rei!

Ainda assim, a parte final do sonho refere-se ao único acontecimento que ainda não ocorreu. A pedra que feriu a





estátua e a destruiu durante o tempo histórico das nações europeias – o que representa ela? Eis como Daniel a explicou: “No tempo desses reis, o Deus dos céus fundará um reino que não terá fim. Esse reino nunca será conquistado por outro povo, mas aniquilará por completo todos os outros reinos e permanecerá para sempre” (Daniel 2:44).

O significado que Daniel apresentou é óbvio: No fim do tempo, quando Cristo regressar à Terra, todos os reinos terrestres desaparecerão. O único reino que permanecerá será o Reino eterno de Deus. O Reino de Deus não será imposto pela força das armas ou pelos planos grandiosos de potentados terrestres, mas apenas pelo poder de Deus que derrotou Satanás na cruz e que agora oferece a todos os seres humanos a possibilidade de fazer parte daquele Reino eterno.

Os grandes Impérios vêm e vão. Os líderes têm planos grandiosos para conquistar e erigir os seus Impérios. No entanto, segundo a profecia, nenhum deles perdurará. Todos estão destinados a ser esmagados. O único reino que durará é o Reino de Deus, pois “permanecerá para sempre”, e os seus cidadãos serão aqueles que, através da fé em Jesus, têm a promessa da vida eterna.

O apóstolo João escreveu: “Escrevo estas coisas para que vocês, que creem no Filho de Deus, saibam que têm a vida eterna” (I João 5:13). “Com efeito, o pecado paga-se com a morte, mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna em união com Cristo Jesus, nosso Senhor” (Romanos 6:23). Tudo o mais desaparecerá para sempre.

Nabucodonosor tinha os seus planos para a criação de um grande Império; Sardan, milhares de anos mais tarde, também tinha os seus. Ambos acabaram por falhar. Apenas um plano será bem-sucedido: O do eterno Reino final, instituído por Deus.

A questão que agora se coloca é simples: Faremos nós parte desse Reino ou esfarelaremos nós – quando a pedra cortada sem mãos esmagar todos os reinos terrestres – entre “o pó da eira no verão” que o vento levará sem deixar dela qualquer rasto? ▢

---

**“Com efeito, o pecado paga-se com a morte, mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna em união com Cristo Jesus, nosso Senhor” (Romanos 6:23).**

TEMÁTICA

# A EUROPA UNIDA: SIM OU NÃO?

≈

Paulo Cordeiro  
*Teólogo*



7 de fevereiro de 1992. Na cidade holandesa de Maastricht era assinado o Tratado que ficou conhecido pelo nome dessa cidade, mas também como o Tratado da União Europeia. Iria entrar em vigor a 1 de novembro de 1993 e, entre outras coisas, iria substituir a Comunidade Económica Europeia (CEE) pela União Europeia (UE), porque, pela primeira vez, se admitia de forma clara e formal que a Comunidade Europeia seria, doravante, não meramente uma Comunidade de países europeus de carácter económico, mas igualmente uma Comunidade com carácter monetário e até político. O Tratado de Maastricht (que substituiu o Tratado de Roma, de 1957) criava, por isso, um calendário bem preciso para a entrada em funcionamento de

uma moeda única europeia antes do final da década de 1990.

Na altura, estando eu em França, tomei conhecimento de que o governo francês distribuiu gratuitamente, pelos Correios, em todos os lares franceses, um panfleto informativo sobre o Tratado de Maastricht. Lembro-me igualmente de, nessa época, ter ouvido alguns comentários, alegando que tal União nunca se viria a concretizar e de que a moeda única europeia nunca passaria de uma mera intenção. Recordo-me igualmente de que, nessa altura, ousei afirmar que acreditava plenamente que viríamos a ter uma moeda única europeia e que a união da Europa seria uma realidade. Mais de 25 anos depois do Tratado de Maastricht, a moeda



## Será que teremos de rever a nossa interpretação tradicional da profecia de Daniel 2?

samente neste período crucial da História, antes da Segunda Vinda de Cristo, depois de se ter mostrado verdadeira durante séculos? Será que teremos de rever a nossa interpretação tradicional da profecia de Daniel 2? Ou será apenas que alguns, no passado, não conseguiram simplesmente explorar toda a riqueza da profecia de Daniel 2 à luz de outras profecias bíblicas?

### A PROFECIA DE DANIEL 2

Antes de mais, recordem-se alguns pormenores essenciais a respeito da profecia de Daniel 2. Trata-se de uma profecia que cobre um vastíssimo período de tempo; nada mais, nada menos, do que um período aproximado (por excesso) de 2500 anos. Por esta mesma razão, facilmente se compreende que a profecia não entra em detalhes minuciosos sobre um qualquer período específico de tempo que faça parte integrante do período global de tempo a que ela se refere. Com isto pretende-se apenas dizer que a profecia de Daniel 2 é como uma lente “grande angular” que permite ter uma visão sintética da História nas suas grandes linhas; linhas essas, contudo, que são perfeitamente suficientes para se visualizar um “fio condutor” da História extremamente compreensível. Contudo, *Daniel 2 não esgota todos os deta-*

única europeia (batizada “Euro” aquando da Cimeira de Madrid, em dezembro de 1995) é uma realidade incontestável em 19 dos 28 países que constituem atualmente a União Europeia.<sup>1</sup>

Os que se mostravam cétricos relativamente à entrada em circulação de uma moeda única europeia e ao aprofundamento político da Europa tiravam as suas convicções da leitura da profecia de Daniel 2 e, particularmente, do versículo 43: “Esta mistura de ferro e de barro revela igualmente que estes reinos hão de tentar aumentar o seu poder através de alianças de casamentos entre os seus chefes, *mas isso não resultará, porque o ferro e o barro não podem unir-se*” (ênfase acrescentada). Estará esta profecia milenar a falhar preci-

**1** A Lituânia foi o último país a integrar a Eurozona (composta por países da UE cuja moeda é o Euro) no dia 1 de janeiro de 2015. Este foi o mais recente alargamento ocorrido desde 1 de janeiro de 2002, data em que o Euro entrou em circulação nos 12 países que inicialmente adotaram a moeda única europeia.

*lhes proféticos!* Se assim não fosse, não seriam necessárias outras profecias (nomeadamente as profecias dos capítulos 7, 8, 9 e 11 do próprio livro de Daniel), que nada mais fazem do que ampliar a “matriz básica” fornecida por Daniel 2. A cena do julgamento no Céu, em Daniel 7:9-14 (com a correspondente explicação nos versículos 22, 26 e 27), a purificação do santuário, em Daniel 8:13 e 14, 26, em conexão íntima com o julgamento no Céu, a profecia das 70 semanas, em Daniel 9:24-27, e a especificidade do conflito entre o rei do Norte e o rei do Sul, em Daniel 11:5-45, são dados proféticos preciosíssimos que simplesmente não aparecem mencionados em Daniel 2. Contudo, não é menos verdade que estes dados proféticos acabados de referir não seriam seguramente tão bem compreendidos, pelo menos sob o ponto de vista cronológico, se não fosse a tal “matriz básica” que nos é fornecida por Daniel 2. Resumindo: Daniel 2 é uma profecia extremamente importante, visto dar-nos uma imagem do quadro geral de acontecimentos. Contudo, por ser tão sintética, não poderia ser, obviamente, muito analítica. Daniel 2 dá-nos uma visão global do tempo – desde os dias de Daniel (“depois disto” – Daniel 2:29) até aos “últimos dias” (Daniel 2:28) – mas não nos dá uma compreensão pormenorizada de nenhum tempo específico, nomeadamente do tempo do fim. Para ficarmos com uma noção mais precisa dos acontecimentos do tempo do fim, a profecia de Daniel 2 é pura e simplesmente insuficiente.<sup>2</sup> Este tem sido, a meu ver, o erro que, talvez de forma ingénua, se tem comumente cometido. E este erro seria simplesmente irrelevante, se não fosse responsável por lançar dúvidas sérias na mente de muitos estudantes da profecia bíblica, por verem a aparente incoerência entre o que “está profetizado” e a realidade que está diante dos nossos olhos.



## O livro de Apocalipse [...] lança luz adicional não só sobre a profecia específica de Daniel 2, mas igualmente, e em particular, sobre os acontecimentos do tempo do fim.

### UMA UNIÃO GLOBAL NOS ÚLTIMOS DIAS

Tal como atrás foi referido, assim como os outros capítulos proféticos do livro de Daniel lançam luz adicional sobre a profecia específica de Daniel 2, também o livro de Apocalipse (livro do mesmo

<sup>2</sup> A profecia de Daniel 2 pode ser corretamente comparada a um mapa-múndi, ou planisfério, que nos permite ter uma visão global do Planeta. Contudo, se bem que tal visão nos permite ficar a conhecer, com rigor, a disposição dos países entre si (no caso de um mapa-múndi político), não nos permite conhecer detalhes muito significativos de cada país. Se quisermos viajar num determinado país, não é seguramente com um mapa-múndi que estaremos bem servidos, mas sim com o correspondente mapa desse país específico.

# Daniel

gênero literário do livro de Daniel) lança luz adicional não só sobre a profecia específica de Daniel 2, mas igualmente, e em particular, sobre os acontecimentos do tempo do fim. Ora é justamente no livro de Apocalipse que encontramos uma outra profecia específica que alarga consideravelmente, e de forma correta, a nossa compreensão de Daniel 2 e dos acontecimentos do tempo do fim. Trata-se da profecia que está contida em Apocalipse 16:13 e 14: “Vi então *três espíritos imundos*, em forma de sapos, saltarem da boca do dragão, do monstro e do seu falso profeta. São na verdade *espíritos de demónios* capazes de fazerem coisas prodigiosas; e vão reunir os governantes de todo o mundo com vista a concentrarem as suas forças para a batalha, no grande dia do Deus todo-poderoso” (ênfase acrescentada). Leu bem? O que é que “espíritos de demónios” farão nos últimos dias (esta passagem aparece no contexto do derramamento das sete últimas pragas)? “Vão reunir os governantes de todo o mundo” (isto é, os líderes máximos de todas as nações). Com que objetivo? Com o fim

de “concentrarem as suas forças”. Então, segundo esta profecia do livro de Apocalipse, haverá ou não uma tendência crescente para a unificação das nações entre si? Importa igualmente referir que a ação desses “espíritos de demónios” mencionados, que conduz os “governantes de todo o mundo” a uma união global, não acontecerá de um dia para o outro, mas será um processo gradual que atingirá o seu clímax no tempo do “Armagedom”.<sup>3</sup>

## COMO RECONCILIAR AS DUAS PROFECIAS?

A profecia de Apocalipse 16:13 e 14, se bem que lance imensa luz sobre os acontecimentos do tempo do fim, não invalida, contudo, nenhum aspeto da profecia de Daniel 2. Parece contraditório o que se re-

<sup>3</sup> O Armagedom (ver Apocalipse 16:16), ao contrário do que afirma a esmagadora maioria dos Cristãos Evangélicos de hoje (que subscrevem a chamada visão dispensacionista da História), e ao contrário do que afirmaram alguns pensadores Adventistas no passado, não é uma guerra literal que irá ocorrer algures num local do Médio Oriente. Trata-se, isso sim, da última manifestação do Grande Conflito, em que todos os poderes da Terra coligados entre si tentarão lançar um derradeiro e decisivo ataque contra o povo de Deus.

## **Nada do que está a acontecer, caro Leitor, está fora do controlo d'Aquele que tudo comanda. As profecias bíblicas permitem-nos ter uma visão claríssima dos acontecimentos do tempo do fim.**

---

feriu? Não, não é! Daniel 2 afirma, e devemos acreditar nisso, que “certo é o sonho, e fiel a sua interpretação” (Dan. 2:45). Portanto, se os “reinos” que existirão imediatamente antes que “o Deus do céu [suscite] um reino que não terá fim” (Dan. 2:44) não se ligarão um ao outro “porque o ferro e o barro não podem unir-se” (Dan. 2:43), então podemos ter a certeza de que assim será. Por outras palavras, esses “reinos” não estarão na verdade ligados na sua essência, ou seja, não haverá uma unidade real e genuína a uni-los, mas estarão estrategicamente ligados<sup>4</sup> entre si, com o único objetivo de poderem apresentar uma frente unida contra o povo de Deus. A crise final pela qual Jesus passou oferece-nos um exemplo perfeito do que acontecerá ao povo de Deus durante a crise final da história deste mundo. Também Jesus enfrentou, Ele próprio, a coligação de forças que nunca estariam coligadas entre si, não fosse a necessidade de Satanás de apresentar uma frente unida contra Jesus: “Mas Herodes, juntamente com os da sua guarda, tratou-o com desprezo, e, escarnecendo dele, fê-lo vestir de um manto aparatoso, e o devolveu a Pilatos. Naquele mesmo dia, Herodes e Pilatos se reconciliaram, pois, antes, viviam inimizados um com o outro” (Lucas 23:11 e 12). Também Fariseus e Saduceus se coligaram contra Jesus (Mateus 16:1), mas isso não



significava que se encontravam realmente ligados entre si, pois, anos mais tarde, já os encontramos de novo em conflito uns com os outros (cf. Atos 23:6-8).

### **CONCLUSÃO**

Pensamos que o Leitor já deve ter visualizado o quadro completo. Teremos, no

<sup>4</sup> Talvez se pudesse fazer um estudo etimológico aprofundado destas duas palavras usadas em Daniel 2:43 e Apocalipse 16:14, mas creio que facilmente se intui que “ligar” e “juntar” ou “reunir” podem não significar necessariamente a mesma coisa. Duas coisas podem estar “juntas” ou “reunidas” (como o caso do ferro e da argila nos pés da estátua de Daniel 2) sem, contudo, estarem “ligadas” entre si. Outro exemplo, que é, aliás, referido no próprio texto bíblico de Daniel 2:43: duas pessoas podem estar “juntas” ou “reunidas” em casamento sem, contudo, se encontrarem verdadeiramente “ligadas” entre si. Da mesma maneira, os “reinos” deste mundo no tempo do fim estarão “congregados”, “reunidos” ou “juntos”, mas não necessariamente “ligados”.



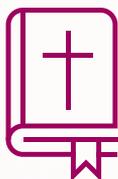
tempo do fim, uma Europa coligada, mas não verdadeiramente unida entre si. Esta é a realidade que todos nós podemos observar atualmente. Repare-se que a profecia de Apocalipse 16:13 e 14 não afirma que os “espíritos de demónios” “se dirigem” aos povos do mundo inteiro. Eles dirigem-se aos seus líderes, “os governantes de todo o mundo”, porque, conseguindo um consentimento entre os líderes, os liderados acabam por seguir aqueles, mesmo se, por vezes, contrariados. Ora, a construção da unidade europeia está a ser feita, desde o início, não a partir das bases, dos povos, mas sim a partir das cúpulas institucionais político-administrativas.

No período histórico que se seguiu à ascensão de Cristo ao Céu e ao derramamento das “primeiras... chuvas” (Tia-

go 5:7) ou da “chuva temporã” (Joel 2:23) sobre a Igreja, esta pôde expandir-se facilmente porque o mundo mediterrânico estava quase inteiramente sob o controlo de um poder político-administrativo único – o poder da Roma Imperial. Isso trouxe muitas vantagens, pois não havia fronteiras no interior do Império Romano, as vias de comunicação terrestres e marítimas eram excelentes e, assim, em poucos anos, o Evangelho espalhou-se de tal maneira que Paulo pôde dizer, em Colossenses 1:23, que o Evangelho “foi pregado a toda a gente em todo o mundo”.

No período histórico que antecederá a vinda d’Aquele que “virá do modo como o vistes subir” (Atos 1:11), e sob o efeito das “últimas chuvas” (Tiago 5:17) ou da “chuva... serôdia” (Joel 2:23), também a Igreja remanescente usufruirá de muitas vantagens que lhe permitirão expandir facilmente a sua mensagem evangélica devido ao facto de o mundo estar sob o controlo de um poder único – o poder de Roma Papal, apoiado política e religiosamente pelos EUA (cf. Apocalipse 13) – unificação essa que fará com que não haja fronteiras internas e com que as vias de comunicação (terrestres, aéreas e eletrónicas – incluindo a TV por satélite e a Internet) sejam excelentes para permitir que o Evangelho seja pregado “por todo o mundo, para testemunho a todas as nações. Então, virá o fim” (Mateus 24:14).

Nada do que está a acontecer, caro Leitor, está fora do controlo d’Aquele que tudo comanda. As profecias bíblicas permitem-nos ter uma visão claríssima dos acontecimentos do tempo do fim. Elas são, realmente, para nós, que atendemos à sua mensagem pertinente, “como uma luz iluminando um sítio escuro. Até que o dia surja e a sua luz brilhante ilumine os vossos corações” (II Pedro 1:19). ▢



## A profecia de Daniel 2

- 1. O que aconteceu ao rei Nabucodonosor no segundo ano do seu reinado?** “No segundo ano do seu reinado, Nabucodonosor foi assaltado por sonhos que o agitaram de tal maneira que não conseguia dormir.”  
[ DANIEL 2:1. ]
- 2. De que modo Deus revelou a Daniel o sonho que o rei tinha tido?** “Naquela mesma noite, o sonho misterioso foi revelado a Daniel, numa visão, e ele louvou o Deus dos céus.”  
[ DANIEL 2:19. ]
- 3. Que pergunta fez o rei a Daniel?** “O rei perguntou a Daniel, que também se chamava Beltechaçar: És capaz de me contar o sonho e dizer o que ele significa?”  
[ DANIEL 2:26. ]
- 4. O que respondeu Daniel ao rei?** “Daniel respondeu-lhe: Saiba Vossa Majestade que não há nenhum sábio, adivinho, mago ou astrólogo capaz de lhe revelar esse mistério. Mas há um Deus nos céus, capaz de revelar os mistérios. Ele quis informar Vossa Majestade sobre o que vai acontecer no futuro.”  
[ DANIEL 2:27 E 28. ]
- 5. Por que razão Deus deu o sonho ao rei?** “Deitado na sua cama, Vossa Majestade sonhou acerca do futuro; Deus, que revela os mistérios, mostrou o que vai acontecer.”  
[ DANIEL 2:29. ]
- 6. Qual era o conteúdo do sonho do rei?** “Vossa Majestade viu diante de si uma estátua gigantesca, muito brilhante e de aspeto impressionante. A cabeça era feita de ouro puro; o peito e os braços eram de prata; o ventre e as coxas eram de bronze; as suas pernas eram de ferro e os pés em parte de ferro e em parte de barro. Enquanto Vossa Majestade olhava, uma grande pedra soltou-se dum rochedo, sem que ninguém lhe tocasse, e bateu nos pés de ferro e de barro da estátua, fazendo-os em pedaços. Como consequência, não só o ferro e o barro, mas também o bronze, a prata e o ouro desfizeram-se em pó; e como o pó da eira, no verão, o ven-



to espalhou-o de tal maneira que não ficou nenhum vestígio. Porém a pedra cresceu até se transformar numa montanha, que cobriu toda a terra.”

[ DANIEL 2:31-35. ]

**7. Qual foi a interpretação que Daniel fez do sonho? O que simbolizava a cabeça de ouro da estátua?**

“Vossa Majestade é o maior de todos os reis. O Deus dos céus deu-lhe soberania, poder, domínio e honra. Fê-lo senhor de toda a Humanidade e de todos os animais e aves, onde quer que se encontrem. Vossa Majestade é a cabeça de ouro.”

[ DANIEL 2:37 E 38. ]

**8. O que simbolizavam o peito e os braços de prata e o ventre e as coxas de bronze da estátua?**

“Depois de Vossa Majestade virá outro reino, não tão poderoso como o seu, que será seguido de um terceiro, um reino de bronze, que dominará sobre toda a terra.”

[ DANIEL 2:39. ]

**9. De que reinos se trata? Do Império Medo-Persa (539 a.C.–331 a.C.) e do Império Grego (331 a.C.–146 a.C.).**

**10. O que simbolizavam as pernas de ferro da estátua? “Em seguida, surgirá um quarto reino, forte como o ferro, que tudo faz em bocados e destrói. E assim como o ferro tudo faz em bocados, também fará em bocados e destruirá os reinos anteriores.”**

[ DANIEL 2:40. ]

**11. De que reino se trata? Do Império Romano (146 a.C. – 476 d.C.).**

**12. O que simbolizavam os pés da estátua, em parte de ferro e em parte de barro?**

“Vossa Majestade viu ainda que os pés e os dedos dos pés da estátua eram em parte de barro e em parte de ferro. Isso significa que se trata de um reino dividido. A sua força será em parte semelhante à do ferro, porque havia ferro misturado com o barro. Os dedos em parte de ferro e em parte de barro significa que parte desse reino será forte e parte será fraco.”

[ DANIEL 2:41 E 42. ]

**13. Que realidade política simbolizava este reino dividido? A Europa das Nações que surgiu depois da divisão do Império Romano (de 476 d.C. até hoje).**

**14. E o que representava a pedra que destruiu a estátua de metal? “No tempo desses reis, o Deus dos céus fundará um reino que não terá fim. Esse reino nunca será conquistado por outro povo, mas aniquilará por completo todos os outros reinos e permanecerá para sempre. Por isso, Vossa Majestade viu como uma grande pedra se soltou de um rochedo, sem que ninguém lhe tocasse, e reduziu a pó o ferro, bronze, barro, prata e ouro. O Deus que é poderoso quis assim mostrar a Vossa Majestade o que irá acontecer no futuro.”**

[ DANIEL 2:44 E 45. ] ▢



## A REVOLTA DO PLANETA: CONDIÇÕES METEOROLÓGICAS *EXTREMAS*

O segundo semestre de 2017 ficou marcado por condições meteorológicas extremas em todos os Continentes. Dir-se-ia que o planeta Terra está em revolta contra os seus habitantes. À medida que a nova norma meteorológica se instala no mundo, com temperaturas estivais mais frias e quedas de neve, as chuvas e inundações diluvianas batem recordes de longa data. Isto provoca um número crescente de vítimas mortais, humanas e animais, assim como perdas gerais em bens, propriedades e culturas. Recordamos aqui a evidência do caos climático e ambiental em algumas das situações mais graves que se viveram no passado recente.



### JUNHO

Verificou-se o caos climático por todo o globo terrestre. Em regiões diferentes registaram-se autênticas “trombas de água” que provocaram enormes inundações e deslizamentos de lama mortais. Em Taiwan caíram 65 centímetros de chuva em apenas 11 horas. Da China à Rússia e até ao Estado de Nova Jérсия, nos EUA, milhões de pessoas foram vítimas de chuvas diluvianas, impressionantes quedas de granizo e neve, fora da estação, assim como de tornados. Já a 29 de maio se tinha registado um terremoto na Indonésia, a 22 de junho outro na costa da Guatemala e, dia 24, ainda outro atingiu a cidade da Beira, em Moçambique. Insólito: uma invasão de grilos instaurou o caos numa cidade do Norte do Peru, interrompendo o normal curso da vida.



### JULHO

Um estudo divulgado pelo jornal eletrónico *Nature Climate Change* mostra que um terço da população mundial já enfrenta hoje ondas de calor mortais por causa das mudanças climáticas. A pesquisa analisou cerca de dois mil casos de fatalidades associadas a ondas de calor em 36 países, nos últimos 40 anos. Conclusão: o risco global de doenças relacionadas com o calor ou de morte aumentou de forma constante desde 1980. Fogos florestais devastaram vastas zonas na Califórnia, na Colúmbia Britânica, na Croácia e em Montenegro, na Indonésia, em França e em Portugal. Por outro lado, inundações arrasaram regiões da Índia até à Indonésia. Também violentas tempestades de granizo foram registadas em todos os Continentes.



## AGOSTO

A temporada de furacões bate recorde em 2017: 10 semanas e 10 furacões no Atlântico, de 10 de agosto a 19 de outubro. Há mais de um século que tal não sucedia. Estes furacões, em conjunto, causaram mais de cem mortos e uma devastação sem precedentes, principalmente nos EUA e na América Central: *Franklin, Gert, Harvey, Irma, José, Katia, Lee, Maria, Nate e Ophelia* (sendo este último o furacão no Atlântico mais a leste de que há registo, tendo atingido o Reino Unido e a Irlanda). Não é uma situação sem precedentes, mas há mais de um século que não acontecia. Os últimos casos de 10 tempestades seguidas no Atlântico foram registadas em 1878, 1886 e 1893. Porque é que aconteceu de novo em 2017? Tal deveu-se, fundamentalmente, a dois fatores: um fraco *El Niño* e um Atlântico mais quente do que o normal. As temperaturas atlânticas são influenciadas por dois fatores: pela temperatura à superfície da água e pelo calor que está armazenado no Oceano. Os sistemas climáticos, conseqüentemente, absorvem calor da água, o que ajuda à intensificação de tempestades.

Mas, o resto do mundo não beneficiou de paz climática. Registaram-se novos recordes de inundações históricas em quase todos os Continentes, seguidas de deslizamentos de terras mortais. Em simultâneo, noutras regiões do Globo, um número alarmante de violentas tempestades

e fogos florestais incontrolláveis fez vítimas e destruiu tudo à sua passagem. Por exemplo, em Melbourne, na Austrália, o 3 de agosto foi o dia mais frio dos últimos 19 anos, por causa da grande queda de neve (completamente fora de estação) que paralizou a cidade e a região.



## SETEMBRO

Três furacões (*Irma, José e Katia*) formaram-se em simultâneo na Bacia do Atlântico entre os dias 6 e 9, semeando a morte e causando danos de 242 mil milhões de dólares. O furacão *Irma* (de 30 de agosto a 12 de setembro) foi considerado o maior e o mais longo alguma vez registado no mundo, mantendo-se durante mais de 10 dias consecutivos, incluindo três dias na categoria mais alta (nível 5), com rajadas de vento de 298Km/hora durante 37 horas consecutivas e, em alguns locais, com rajadas superiores a 360Km/hora. Provocou mais de 66 mil milhões de dólares de prejuízos. Aconteceram também terremotos no México, no Iraque e na China, que provocaram mais de mil vítimas humanas.

**O furacão *Irma* (de 30 de agosto a 12 de setembro) foi considerado o maior e o mais longo alguma vez registado no mundo.**



## OUTUBRO

O décimo furacão da temporada no Atlântico, *Ophelia*, atingiu até os Açores. Mais furacões se seguiram: o *Sandy* flagelou as costas leste e nordeste dos EUA com chuvas diluvianas, que afetaram também a Argentina, depois de já ter causado 66 mortos na sua passagem pelas Caraíbas. Em contraste, mais uma vaga de incêndios em Portugal causou tragédia, mais vítimas humanas e animais, destruição da Natureza e de bens.

**“Estas tempestades são um sinal de alarme e, [...] a verdade, é que o impacto das alterações climáticas já é muito grave e só pode piorar.”**



## NOVEMBRO E DEZEMBRO

Tempestades com muita chuva, muito vento e muito granizo abateram-se sobre vários Estados do Brasil. Também uma tempestade que, pela primeira vez, foi batizada por Portugal, Espanha e França com o nome *Ana*, provocou chuva, ventos fortes, agitação marítima e queda de neve nos pontos altos. Porém, as Filipinas foram as mais martirizadas por tempestades no final do ano. Em contraste, incêndios incontroláveis na Califórnia (EUA) semearam a destruição.

“Estas tempestades são um sinal de alarme e, mesmo que isto pareça um pouco catastrofista, a verdade é que o impacto das alterações climáticas já é muito grave e só pode piorar”, disse a uma agência noticiosa Adrian Fernandez, biólogo mexicano especialista em clima. ▢

BÍBLIA

# NEPHESH – A NOÇÃO DE “ALMA” NO ANTIGO TESTAMENTO



Paulo Lima  
*Editor da Sinais dos Tempos*

## “E formou o Senhor Deus o homem do pó da terra, e soprou em seus narizes o fôlego da vida: e o homem foi feito alma vivente [*nephesh hayyah*]” (Gênesis 2:7, ARC).

Na teologia popular defendida por diversas Igrejas Cristãs é comum a ideia de que o Homem é dotado de uma alma. A “alma” seria uma substância imaterial e imortal, distinta do corpo, onde residiria a sede da consciência e que constituiria a essência da personalidade humana. Ao morrer o Homem, esta substância imaterial pessoal supostamente deixaria o corpo morto e continuaria a viver nas regiões do Além. No entanto, antes de a aceitarmos, convém perguntar: Tem esta noção tradicional um adequado fundamento bíblico? Neste artigo iremos estudar concisamente o que a revelação divina condensada no Antigo Testamento tem a dizer sobre a “alma”.

### **NEPHESH HAYYAH – “ALMA VIVENTE”**

No texto hebraico do Antigo Testamento, a noção de “alma” é transmitida pela palavra *nephesh*. O texto do segundo capítulo de Gênesis, que relata a criação do Homem, permite-nos compreendermos plenamente o significado deste termo e percebermos qual a concepção da natureza humana presente no Antigo Testamento. O texto diz o seguinte: “E formou o Senhor Deus o homem do pó da terra, e soprou em seus narizes o fôlego da vida: e o homem foi feito alma vivente [*nephesh hayyah*]” (Gênesis 2:7, ARC). Este texto faz-nos saber que o ser humano, enquanto “alma vivente”, é um corpo físico feito “do



pó da terra”, que é vivificado pelo “fôlego da vida” proveniente de Deus.

Note-se que este “fôlego da vida” não é uma entidade imaterial e consciente que é introduzida no corpo humano por Deus, mas é, sim, o poder vital que Deus possui e que Ele comunica ao corpo do ser humano por Ele criado. De facto, o “fôlego da vida” (*neshamah*) de Deus simboliza o poder doador de vida possuído por Deus. Esse poder doador de vida é simbolizado pelo “fôlego”, porque respirar é próprio dos seres vivos e é, assim, sinal de vida. Deste modo, Deus é descrito como possuindo o “fôlego” (*neshamah*) primordial que está na origem do “fôlego” derivado possuído pelos homens. Por isso, no livro de Job se declara: “O espírito [*ruach*] de Deus me fez; e a inspiração [*neshamah*] do Todo-Poderoso me deu vida” (Job 33:4, ARC). Por isso, Isaías também afirma: “Assim diz Deus, o Senhor, que criou os céus [...] e formou a terra [...] que dá a respiração [*neshamah*] ao povo que nela está, e o espírito [*ruach*] aos que andam nela” (Isaías 42:5, ARC). E Job declara abertamente que o “fôlego” (*neshamah*) de Deus, ao ser comunicado na Criação, se particulariza no “sopro de vida” (*neshamah*) de cada ser humano, quando afirma: “Enquanto em



mim houver um sopro de vida [*nesbamah*] e o alento [*ruach*] de Deus nas narinas, os meus lábios não dirão falsidades” (Job 27:3 e 4, *Bíblia de Jerusalém*). Portanto, o “fôlego da vida” (*nesbamah*) proveniente de Deus, que representa o poder vital, particulariza-se no “fôlego” (*nesbamah*) de cada ser humano, comunicando-lhe vida. O “fôlego da vida” expresso no ato de respirar do Homem é, assim, visto como uma manifestação do poder vivificante do “fôlego da vida” de Deus. Note-se ainda que o paralelismo estabelecido aqui entre o “espírito” (*ruach*) de Deus e a “inspiração/respiração” (*nesbamah*) de Deus sugere que os dois elementos são equivalentes, pois ambos se referem ao poder vital de Deus que é comunicado às criaturas para fazer delas “almas viventes”. Esta equivalência é claramente afirmada em Job 34:14 e 15: “Se ele [Deus] pusesse o seu coração contra o homem, e recolhesse para si o seu espírito [*ruach*] e o seu fôlego [*nesbamah*], toda a carne juntamente expiraria, e o homem voltaria para o pó.”

Para que se possa perceber melhor a realidade expressa no texto de Génesis 2:7 que estamos a analisar, pensemos numa lâmpada ligada à corrente elétrica. A lâmpada física energizada pela eletrici-

dade resulta numa lâmpada que emite luz. Da mesma forma, o corpo humano vivificado pelo fôlego de Deus resulta numa alma humana. Portanto, a “alma” humana é o ser humano concreto enquanto corpo vivificado pelo poder vital de Deus. O Homem, enquanto ser vivo corpóreo e pessoal que respira, é uma alma (*nepheesh*). Mas, segundo o Antigo Testamento, não é apenas o Homem que é “alma” (*nepheesh*).

Tal como o Homem, também cada animal é uma “alma vivente” (*nepheesh hayyah*). É o que nos diz Génesis 1:24: “E disse Deus: Produza a terra alma vivente [*nepheesh hayyah*], conforme a sua espécie; gado e répteis, e bestas-feras da terra, conforme a sua espécie. E assim foi” (veja também Génesis 1:20, 30; 2:19; 9:10, 12, 15 e 16; Levítico 11:46). Os animais são “almas viventes” porque também são corpos físicos vivificados pelo “fôlego” de Deus (e.g., Génesis 7:22). Ora, a aplicação da noção de “alma” (*nepheesh*) aos animais mostra claramente que, no Antigo Testamento, ser “alma” não é um privilégio humano. Fica também ainda mais claro que, no Antigo Testamento, a “alma” não é uma substância imaterial distinta do corpo que seria a essência específica do ser humano. Tanto o Homem como o animal são concretamente “almas”. A superioridade humana sobre os animais não reside no facto de o Homem ser “alma vivente”, mas no facto de ele ter sido criado à “imagem e semelhança de Deus” (Génesis 1:26 e 27).

---

**O “fôlego da vida” expresso no ato de respirar do Homem é, assim, visto como uma manifestação do poder vivificante do “fôlego da vida” de Deus.**

## NEPHEESH METH – “ALMA MORTA”

Dado o que ficou dito atrás, torna-se evidente que, no pensamento hebraico, a “alma” (*nepheesh*) não é imortal. Pelo contrário, devido ao modo como está constituída, ela está necessariamente sujeita à morte. De facto, quando a “alma vivente” – seja um homem ou um animal – perde o “fôlego da vida” que a vivifica, ela morre e o seu corpo volta ao “pó da terra”. Dá-se então o processo inverso ao da criação. Assim, referindo-se à morte do Homem, o livro de Eclesiastes declara: “E o pó volte à terra, como o era, e o espírito [*ruach*] volte a Deus, que o deu” (Eclesiastes 12:7, *ARC*). Dado que, como vimos antes, *ruach* (“espírito”) e *neshamah* (“fôlego”) são termos semanticamente equivalentes, devemos concluir que este texto declara que a morte do Homem é marcada pelo regresso a Deus do poder vital simbolizado pela capacidade de respirar. Visto que tanto o Homem como o animal são “almas viventes”, eles partilham o mesmo fim. Como escreveu Salomão: “Porque o que sucede aos filhos dos homens, isso mesmo, também, sucede aos animais; a mesma coisa lhes sucede: como morre um, assim morre o outro, todos têm o mesmo fôlego; e a vantagem dos homens sobre os animais não é nenhuma, porque todos são vaidade. Todos vão para um lugar: todos são pó, e todos ao pó tornarão” (Eclesiastes 3:19 e 20, *ARC*).

Esta sujeição da alma humana à morte é claramente declarada pelo profeta Ezequiel: “A alma [*nepheesh*] que pecar, essa morrerá” (Ezequiel 18:4, 20, *ARC*). Esta verdade é reiterada de múltiplas formas no Antigo Testamento. Assim, o profeta Balaão declarou: “A minha alma [*nepheesh*] morra da morte dos justos, e seja o meu fim como o seu” (Números 23:10, *ARC*). O profeta Ezequiel pronunciou o seguinte oráculo: “Vós me profanastes entre o meu povo, por punhados de cevada, e por

pedaços de pão, para matardes as almas [*nephashoth*, plural de *nepheesh*] que não haviam de morrer, e para guardardes vivas as almas [*nephashoth*] que não haviam de viver, mentindo assim ao meu povo que escuta a mentira” (Ezequiel 13:19, *ARC*). Embora nem sempre seja evidente nas modernas traduções da Bíblia, muitas outras passagens do texto hebraico do Antigo Testamento afirmam claramente que a “alma” (*nepheesh*) humana está sujeita à morte. Podemos citar, a título de exemplo, os seguintes versículos (traduzidos do hebreu): “E disse Sansão: morra a minha alma [*nepheesh*] com os Filisteus” (Juízes 16:30). “Vós que haveis morto uma alma [*nepheesh*] ou que haveis tocado numa vítima, fareis a vossa purificação no terceiro e no sétimo dia, tanto vós como os vossos prisioneiros” (Números 31:19). “Maldito aquele que aceita suborno para matar uma alma [*nepheesh*] de sangue inocente!” (Deuteronómio 27:25.) Poderíamos citar ainda outros textos (e. g., Génesis 37:21; Levítico 24:17; Deuteronómio 19:6, 11; 22:26).

Também é interessante o facto de que, no pensamento hebraico, um homem morto é ainda uma alma, mas uma “alma morta” (*nepheesh meth*). Assim o declaram os seguintes versículos (traduzidos do hebreu): “Durante todos os dias da sua consagração a Iahweh, não se aproximará de uma alma morta [*nepheesh meth*]” (Números 6:6). “Não se aproximará das almas mortas [*naphe-shoth meth*]; por seu pai e por sua mãe não se tornará impuro” (Levítico 21:11). Outros versículos usam simplesmente o termo *nepheesh* (“alma”) com o sentido de “cadáver” (e. g., Levítico 19:28; 22:4; Números 5:2, no texto hebraico).

Finalmente, convém dizer que o termo *nepheesh* ocorre 745 vezes no Antigo Testamento, mas nem uma só vez ele surge associado à ideia de imortalidade. Portanto, nem uma única vez encontramos

nas Escrituras hebraicas a ideia de que o Homem é imortal por natureza.

## CONCLUSÃO

Ao terminarmos este breve estudo podemos apresentar as seguintes conclusões. Primeira, a “alma” (*nephesh*) é o ser vivo concreto, isto é, o corpo vivificado pelo poder vital representado pelo “fôlego (*ne-shamah*) de Deus” ou pelo “espírito (*ruach*) de Deus”. Portanto, o Homem é, na sua corporalidade vivificada, uma “alma vivente”. Os animais também são “almas viventes”. Logo, a “alma” não é uma substância imaterial consciente, distinta do corpo e própria dos seres humanos, como quer a teologia tradicional. Segunda, a “alma” está sujeita à morte. Quando o poder vital,

representado pelo “fôlego” ou pelo “espírito de Deus”, abandona o corpo humano ou animal, a alma morre. O corpo regressa ao pó e o fôlego ou espírito proveniente de Deus (que representa o poder vital) regressa a Deus. Logo, a “alma” não é imortal ou indestrutível.

Significa isto que o Homem está condenado a perecer eternamente quando morre? Não. O Antigo Testamento (tal como o Novo) apresenta a verdadeira solução para a morte. Trata-se da ressurreição. É através da ressurreição de entre os mortos que a imortalidade será oferecida aos seres humanos que Deus julgar dignos de tal dom. Assim nos ensinam os profetas Daniel (12:1 e 2) e Ezequiel (37:1-14). Mas este é um tema para um próximo artigo. ▢





# HopeBíblia

## CURSOS BÍBLICOS GRATUITOS ONLINE



### ESPIRITUALIDADE

#### **A Fé de Jesus**

Curso para iniciação ao estudo das Sagradas Escrituras.



#### **Luz para o Meu Caminho**

Guia de estudos bíblicos sobre diferentes assuntos e temáticas.



#### **Força para Viver**

Curso bíblico de orientação e aconselhamento pessoal e familiar para uma vida com sentido.



### JOVENS

#### **A Bíblia Ensina**

Estudos bíblicos para jovens, individualmente ou em grupo.



### FAMÍLIA

#### **Construir em Amor**

Estudos de orientação e reflexão para uma vida familiar plena.



### SAÚDE

#### **Saúde 4**

Estudos para uma melhor saúde global.



[hopechannel.pt/biblia](https://hopechannel.pt/biblia)

[Assista a qualquer um destes cursos de forma gratuita na Internet]

ligue **213 140 166** ou envie um email para [geral@hopechannel.pt](mailto:geral@hopechannel.pt)  
[Para mais informações]